

## IRRIGAÇÃO

**Roberto Rodrigues\***

Segundo estudo da FAO, nos próximos 25 anos cerca de 80% dos alimentos necessários ao consumo humano virão de cultivos irrigados. Se essa estimativa estiver correta, e se o Brasil vai mesmo ter um papel relevante na segurança alimentar global, será preciso avançar muito nesta importante tecnologia.

Atualmente temos pouco mais de 7 milhões de hectares irrigados no país, menos de 10% de nossa área agricultada. Em outubro do ano passado, a ANA publicou o Atlas Irrigação: Uso da Água na Agricultura Irrigada, estudo da Agência Nacional de Águas, no qual mostra que, de 1960 a 2015, a área irrigada no Brasil passou de 462 mil hectares para 6,95 milhões de hectares. Foi um salto relevante, embora num lapso de tempo grande, 50 anos. Mas em maio de 2016 o Ministério da Agricultura já havia lançado o Plano para Expansão, Aprimoramento e Desenvolvimento Sustentável da Agricultura Irrigada no Brasil, estabelecendo a ambiciosa meta de chegar em 2026 com 11,2 milhões de hectares irrigados, um crescimento aproximado de 60% em 10 anos. O Plano visa a promoção do uso racional da água, a minimização de perdas em colheitas por secas e veranicos, o aumento a produtividade agrícola de 3,4 para 4 toneladas por hectare, e a geração de 7,5 milhões de empregos diretos e indiretos. Há muito o que fazer para atingir esta meta, e entre os temas a enfrentar estão a disponibilidade energética, sobretudo nas regiões mais afastadas da fronteira agrícola, e a burocracia de licenciamento ambiental e outorga da água. Outra questão relevante é a escolha do tipo mais eficiente de equipamentos tendo em vista o máximo aproveitamento e mínima demanda por água. Neste sentido, as tecnologias do gotejamento e a da microaspersão tendem a crescer quando comparadas com outros modelos, como a irrigação por inundação. O grande crescimento recente aconteceu com os pivôs centrais.

Naturalmente, um ponto nevrálgico para a decisão sobre irrigar ou não é o custo do investimento. E os números a esse respeito variam muito, indo de 6 mil a dez mil reais por hectare, dependendo do modelo escolhido. Na média, o custo ficaria por volta de 8 mil reais por hectare. Supondo que o preço médio do hectare da terra agricultável esteja em torno de 30 mil reais, o investimento inicial seria aproximadamente de 25% do valor da terra.

Valeria a pena? Infelizmente não temos dados abundantes de pesquisa sobre o resultado em larga escala da irrigação, mas todos os números disponíveis indicam um significativo potencial de incremento produtivo. Experimentos da Embrapa com 20 variedades de milho irrigado mostram um aumento de produtividade variando de 36% até 84%. Irrigação por gotejamento em café aumenta muito a produtividade porque elimina a questão da bianualidade produtiva. Em outras culturas permanentes também se observam aumentos expressivos. E nem se fale dos hortifruti e ainda do arroz, cujo cultivo em sequeiro é de alto risco. Além disso, obter duas ou mais safras de grãos por ano fica fácil, reduzindo custos unitários de produção. A utilização de máquinas e equipamentos fica otimizada, assim como a aplicação de fertilizantes e

defensivos. Há maior uniformidade no padrão produzido, a incerteza climática desaparece, a oferta de sementes fica estabilizada, melhora a qualidade da mão-de-obra rural.

E por fim, o crédito acoplado ao seguro rural deve ser mais barato e acessível.

Não há tempo a perder: precisamos estudar bem essa tecnologia e aplicá-la com vigor como já fazem os países agricolamente desenvolvidos.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio.**